



Vertiginosamente **bem-sucedido**

Gestado com um troco **para os padrões de Hollywood**, com base numa **febre da web**, o terror psicológico **‘Backrooms’** virou um **campeão de bilheteria** e ganha **versão estendida** esta semana. Página 2

RODRIGO FONSECA

Especial para o Correio da Manhã

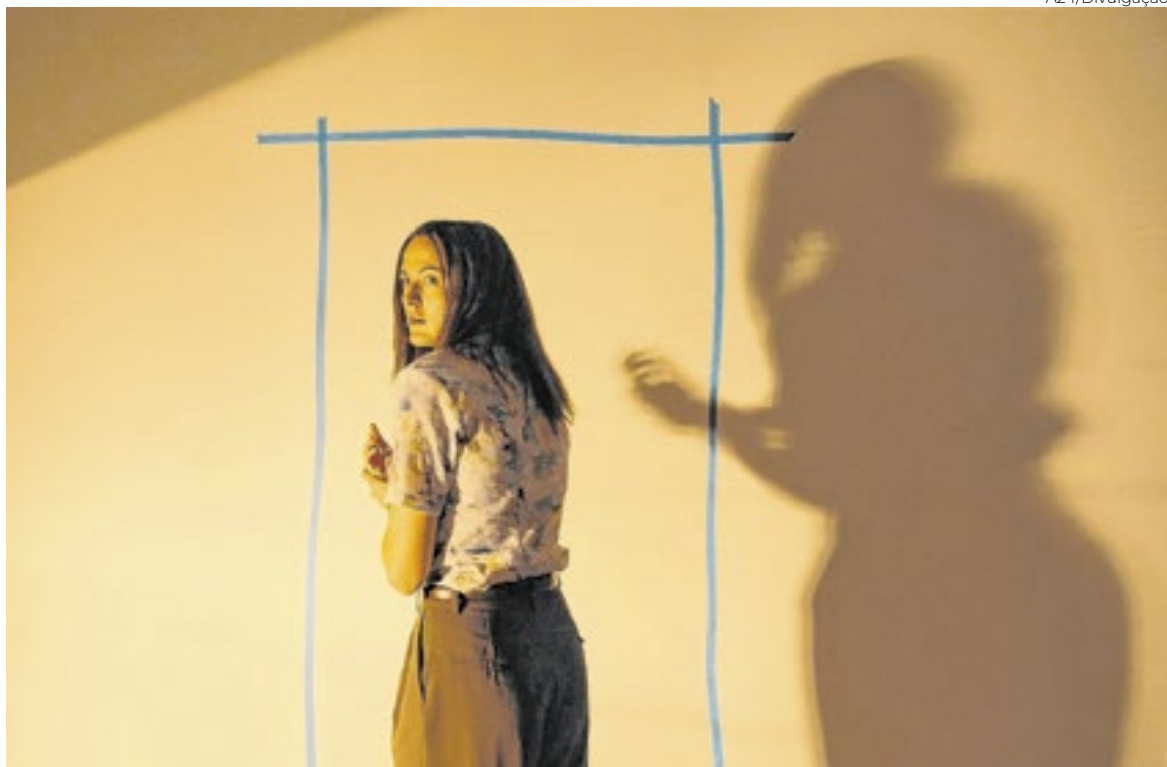
Em tempos de apogeu do terror, quando o filão emplacou Oscars com “Pecadores” e “A Hora do Mal”, um fenômeno silencioso – com status de cult – estabeleceu-se em circuito apoiado só no engenho e no assombro: “Backrooms: Um Não-Lugar”. O que existe de “fenomenal” nesse thriller de causar vertigem pode ser explicado em números: baseado numa série de vídeos do YouTube, a produção de US\$ 10 milhões faturou US\$ 374,8 milhões mundo afora.

Essa conta vai crescer, pois, a partir desta quinta, o longa-metragem de Kane Parsons (um YouTuber de 21 anos) vai ganhar uma versão estendida, pulando de 110 minutos para 125 minutos da mais pura claustrofobia. Parsons transformou uma creepypasta (jargão das redes sociais para lendas nascidas na web) garimpada em fóruns online em um dos filmes de terror mais comentados do ano, consolidando o diretor como o mais jovem cineasta da história a liderar as bilheteiras dos EUA e a adentrar o Top Ten das maiores arrecadações.

O roteiro parte da existência do chamado Backroom, uma dimensão paralela formada por corredores intermináveis, salas vazias iluminadas por lâmpadas fluorescentes e espaços aparentemente infinitos que reproduzem versões imperfeitas da realidade. Inspirado nesse imaginário digital, que se espalhou Facebook e Instagram afora, nos últimos anos, Parsons amplia o conceito para construir um feérico thriller psicológico, no qual o espanto nasce tanto de criaturas ocultas quanto da desorientação provocada por um labirinto sem saída. Dá tontura mesmo.

Na trama, Chiwetel Ejiofor (de “12 Anos de Escravidão”) interpreta Clark, dono de uma loja de móveis que enfrenta problemas financeiros, alcoolismo e um recente divórcio. Depois de investigar estranhas oscilações elétricas no estabelecimento, ele descobre uma passagem secreta no porão que leva ao universo dos Backrooms. Ao retornar desse primeiro contato, tenta convencer sua terapeuta, Mary Kline (Renate Reinsve, de “Valor Sentimental”), da factual existência de uma realidade similar à nossa.

Cética, ela acaba acompanhando Clark em uma nova incursão ao local, onde ambos são confrontados por entidades sinistras, versões monstruosas de seres humanos e manifestações físicas de seus próprios traumas. “Escolho filmes que discutam a dramaturgia da falta do diálogo, hoje tão presente na sociedade”, disse Renate ao Correio da Manhã.



Renate Reinsve em ‘Backrooms’, longa de orçamento baixo que reafirma a lucratividade do filão dos filmes de terror

Um fenômeno silencioso que tomou as bilheteiras de assalto

Baseado numa série de webvídeos criada por um youtuber de 21 anos, ‘Backrooms’ custou a ‘bagatela’ de US\$ 10 milhões e faturou US\$ 374,8 milhões mundo afora



As 21 anos, Kane Parsons conta com o astro Chiwetel Ejiofor no elenco

À medida que avança, o filme abandona o terror convencional para mergulhar em questões psi-

cológicas. Os espaços labirínticos passam a refletir as memórias, culpas e medos de seus personagens, revelando que os Backrooms funcionam como uma cópia defeituosa da realidade, capaz de as-

sumir formas inspiradas nas lembranças mais dolorosas de quem os atravessa. A narrativa ainda apresenta a Async Research Institute, organização científica que pesquisa a misteriosa dimensão e tenta compreender suas propriedades.

Além de dirigir, Kane Parsons também assina parte da trilha sonora ao lado de Edo Van Breemen. O cineasta começou a publicar os primeiros episódios de “Backrooms” em seu canal Kane Pixels, no YouTube, em janeiro de 2022, chamando rapidamente a atenção de Hollywood. A adaptação foi anunciada no ano seguinte como uma coprodução da A24, Chernin Entertainment, Atomic Monster (do Midas James Wan, responsável por “Invocação do Mal”) e 21 Laps Entertainment. O

script, inicialmente desenvolvido por Roberto Patino, acabou sendo reescrito por Will Soodik, enquanto as filmagens ocorreram em Vancouver entre julho e agosto de 2025. O elenco reúne ainda Mark Duplass, como o pesquisador Phil; Lukita Maxwell e Finn Bennett, intérpretes do casal Kat e Bobby; Avan Jogia, como o explorador Naren Warne; e Krista Kosonen. Um dos personagens mais marcantes é o grotesco Capitão Clark, criatura inspirada no pirata da loja de móveis do protagonista, interpretado pelo ex-jogador de basquete Robert Bobroczkyi, de impressionantes 2,31 metros de altura.

O sucesso comercial confirmou que a aposta da A24 em uma propriedade nascida na internet encontrou eco junto ao grande público. “Backrooms: Um Não-Lugar” tornou-se a maior bilheteria da história do estúdio, o segundo filme de terror mais lucrativo de 2026 e o nono maior sucesso de bilheteria do ano. Animado com a repercussão, Parsons já confirmou que novos projetos ambientados nesse universo estão em desenvolvimento e que a web-série original continuará sendo produzida paralelamente às futuras expansões cinematográficas.

Outro filme custou “duas marriolas” e faturou uma baba aterroizando plateias é “Obsessão”, que já pode ser alugado na Prime Video. Custou (pasmem!) US\$ 750 mil. Esse valor, na América Latina, é carnaval, mas, em Hollywood, é o troco do pão. Com tostões, seu realizador, o ator Curry Barker, construiu uma narrativa apavorante que vende igual pão quente e bateu a marca de US\$ 430 milhões de maio para cá. Sua produtora, a Blumhouse, de Jason Blum, é fera em tirar ouro de onde só se enxergam níqueis.

“Eu faço filmes que estão abaixo da linha hollywoodiana padrão de investimento para que eu possa ousar sem margem de risco. Dessa forma eu posso garantir que todos os meus filmes possam encontrar espaço em sala de exibição, sem pular etapas. Essa é a minha filosofia”, disse Blum ao Correio da Manhã, ao ser homenageado no Festival de Locarno, com um troféu em honra de seu histórico de êxitos comerciais, renovado com “Obsessão” de Curry. “Eu filmo barato ideias que ninguém faria”.

Em “Obsessão”, o vendedor Bear (Michael Johnston) ama sua melhor amiga Nikki, papel de Inde Navarrette. Incapaz de declarar seus sentimentos, ele encontra, numa lojinha tipo Mundo Verde, uma estranha peça conhecida como “One Wish Willow” (o Salgueiro dos Desejos), artefato capaz de realizar desejos. Ao quebrar o objeto e pedir para conquistar o coração da garota, Bear libera um diabo. Tome-lhe medo. Medo que fatu- ra fortunas.

Caravelas espanholas no mar da autoralidade

Um dos maiores festivais de cinema do mundo, San Sebastián abre suas telas para a prata da casa, numa fornada exemplar de produções espanholas, já de olho na edição 2027 do Oscar



RODRIGO FONSECA

Especial para o Correio da Manhã

A programação da 74ª edição do Festival de San Sebastián, marcada para 18 a 26 de setembro, começou a ganhar forma com o anúncio de 25 produções espanholas — 23 longas e duas séries — que integrarão diferentes mostras do evento. A Competição Oficial terá três estreantes na disputa pela Concha de Ouro: “El mal padre”, de Roberto Bueso, protagonizado por Eduard Fernández; “Sants”, de Mikel Gurrea, que retorna ao certame após o premiado “Suro”; e “5 minutos más”, de Javier Ruiz Caldera, estrelado por Javier Cámara, Berto Romero e Belén Cuesta.

Fundada em 1180 e banhada pelo Golfo da Biscaia, San Sebastián é conhecida mundialmente pela gastronomia — especialmente pelos pintxos, pequenas iguarias que combinam pão, frutos do mar, queijos, embutidos e conservas —, mas também ocupa posição privilegiada no circuito cinematográfico internacional. Desde 1953, quando passou a sediar seu festival, a cidade basca transformou-se em uma das principais vitrines do cinema de autor, ao lado de Cannes, Berlim, Ve-



El Mal Padre



Bajañi



Moscas



La Bola Negra

neza, Roterdã, Locarno e Toronto. É também a sede da entrega anual do Grand Prix Fipresci, principal distinção da Federação Internacional de Críticos de Cinema, prêmio que, em 2025, foi concedido pela primeira vez a um longa brasileiro: “Ainda Estou Aqui”, de Walter Salles.

A história da Concha de Ouro reúne alguns dos maiores cineastas

do mundo. O primeiro vencedor foi o espanhol Rafael Gil, em 1953, com “A Guerra de Deus”. Desde então, a principal láurea do festival consagrou realizadores como Dino Risi, Eric Rohmer, Claude Chabrol, Arturo Ripstein, Francis Ford Coppola, Wayne Wang, Peter Mullan, Mariana Rondón, Dea Kulumbegashvili e Jorge Sanjinés. Na edição

de 2025, o vencedor foi o catalão Albert Serra, com o documentário “Tardes de Soledad”. O Brasil, porém, conquistou a Concha de Ouro apenas uma vez: em 1919, quando “Pacificado”, dirigido por Paxton Winters e ambientado no Morro dos Prazeres, saiu vencedor da principal competição do festival.

Entre os destaques fora de competição deste ano está a série “El castillo”, inspirada no livro “El proxeneta”, de Mabel Lozano, sobre a ascensão da máfia do proxenetismo na Espanha. Já as Sessões Especiais receberão títulos como “Ruega por nosotras”, de Daniel Monzón; “Sacamantecas”, de David Pérez Sañudo, com Antonio de la Torre e Patricia López Arnaiz; “Más allá de la sociedad”, série documental criada por J. A. Bayona que retoma a história de “La sociedad de la nieve”; e “Bajañi”, documentário musical de Fernando Trueba.

A seção “Horizontes Latinos” reunirá filmes que passaram por Cannes e Berlim, entre eles “Moscas”, de Fernando Eimbcke; “Ceniza en la boca”, dirigido por Diego Luna; “El deshielo”, de Manuela Martelli; “Narciso”, de Marcelo Martinessi; e “Chicas tristes”, estreia de Fernanda Tovar. Já a seção “Perlak” exibirá um dos títulos mais aguardados do ano, “La bola negra”, de Javier Ambrossi e Javier Calvo, vencedor do prêmio de direção no Festival de Cannes. Essa é a principal aposta espanhola para o Oscar 2027. Esse pico queer atravessa o século XX, até chegar a 2017, a recriar os sofrimentos e resiliências de gays que cresceram em suas afirmações identitárias assolados pelo fantasma da intolerância. Em participações breves, mas luminosas, Penélope Cruz e Glenn Close ampliam a popularidade de uma produção que revisita a Guer-

ra Civil Espanhola e o trauma do franquismo (1937-1975) sempre de olho na homofobia e no silenciamento de amores homoafetivos. Inspirado pelo universo poético de Federico García Lorca, assassinado em 1936 por forças ligadas ao regime espanhol, o filme acompanha três histórias gays ambientadas em épocas diferentes, conectadas pela morte de um avô misterioso. Um jovem (Carlos González) recebe a notícia desse falecimento e inicia uma jornada emocional que revisita gerações progressas, encontrando vestígios de violência, desejo reprimido e tensões familiares herdadas ao longo de um século. A presença simbólica de Lorca acompanha toda a narrativa, como uma espécie de espectro político e afetivo que costura os personagens. A fotografia febril de Gris Jordana reforça essa atmosfera de luto permanente, produzindo analogias com referências pictóricas de Goya a “Guernica”.

Na mostra “Zabaltegi-Tabakaleira”, dedicada ao cinema de autor e às experiências formais mais ousadas, estarão reunidos alguns dos nomes mais respeitados da cinematografia contemporânea. O francês Bruno Dumont apresentará “Les Roches rouges”, drama sobre a rivalidade entre dois grupos de crianças; o espanhol Isaki Lacuesta levará o documentário “Jaleos”, narrado por C. Tangana e centrado na história e na força cultural do flamenco; e o malaio Tsai Ming-liang exibirá “Dust”, novo capítulo da série protagonizada por seu monge budista errante. A seleção inclui ainda “HAMALAU gau”, do espanhol Oskar Alegria, e “Lejos de los árboles”, de Meritxell Colell Aparicio, reforçando o perfil da seção como espaço privilegiado para algumas das propostas mais inventivas do cinema mundial.

Outro elemento que chamou atenção na apresentação oficial foi o cartaz da 74ª edição, construído a partir do rosto do ator argentino Ricardo Darín. Frequentador assíduo do festival e vencedor da Concha de Prata de Melhor Ator por “Truman” (2015), além de protagonista de diversos filmes exibidos em San Sebastián, Darín torna-se a imagem da identidade visual do evento, reforçando o vínculo histórico do festival com o cinema ibero-americano. O Velódromo ainda receberá os documentários “Muguruza FM 40 Tour” e “Karateka”, enquanto a organização confirmou que novos títulos espanhóis serão anunciados nas próximas semanas, completando a programação de um dos mais prestigiados festivais de cinema do mundo.

Orquestra Petrobras Sinfônica lança dois álbuns que celebram solistas e memória musical

AFFONSO NUNES

Dois álbuns, duas faces do mesmo cuidado artístico. A Orquestra Petrobras Sinfônica acaba de disponibilizar nas plataformas digitais, neste mês de julho, registros que, embora distintos em formação e repertório, compartilham um DNA comum: a aposta na qualidade dos intérpretes que integram seu corpo estável e a preservação de interpretações ao vivo como documento histórico.

O primeiro deles, “Lumière — Obras Concertantes para Clarineta e Viola”, é um testemunho sonoro do que acontece quando o palco e a plateia se encontram. Todas as faixas foram gravadas ao vivo em concertos regidos por Isaac Karabtchevsky, nome central da regência brasileira, com a clarineta de Cristiano Alves e a viola de Dhyon Toffolo como solistas. O repertório percorre obras de Max Bruch (o “Concerto Duplo em Mi Menor, Op. 88”), Jean Françaix e Claude Debussy — este último representado pela “Première Rapsódia para Clarineta e Orquestra”, peça de 1910 que já anunciava os ares modernistas do século XX.

“Lumière”, “luz” em francês, costura o conceito do disco: as obras transitam entre o obscuro e o colorido, entre sombras e claridade, espelhando a própria natureza do instrumento solista. “O artista se alimenta de desafios. Em 2009, tive a honra de atuar como solista junto à Orquestra Petrobras Sinfônica, sob a regência de Isaac Karabtchevsky, em um programa dedicado à música francesa do século XX. A rica sonoridade deste álbum somente foi possível graças ao magistral trabalho de captação de áudio de Eduardo Monteiro. Que todos possam percorrer este caminho de luzes, cores, sombras e belas texturas reveladas em ‘Lumière’”, conta Cristiano Alves, que já havia se apresentado como solista da orquestra dezessete anos antes, no mesmo tipo de programa.

O segundo lançamento do mês inaugura uma série de música de câmara batizada de “Coleção Armando Prazeres”, em homenagem ao idealizador e fundador da Orquestra Petrobras Sinfônica. Armando Prazeres nasceu em 8 de agosto de 1934, em Arouca, Portugal. Veio ainda criança para o Rio de Janeiro,



O maestro Isaac Karabtchevsky regendo a Orquestra Petrobras Sinfônica, que lança este mês dois novos álbuns

Uma orquestra, dois olhares



“O artista se alimenta de desafios. Em 2009, tive a honra de atuar como solista junto à Orquestra Petrobras Sinfônica, sob a regência de Isaac Karabtchevsky, em um programa dedicado à música francesa do século XX”

CRISTIANO ALVES

onde descobriu a música no Seminário São José. Estudou regência coral com René Brighenti na Escola Superior de Música de Estocolmo, estagiou na Capela Sistina, no Vati-

cano, e aperfeiçoou-se na Academia de Santa Cecília, em Roma, com Hanz Swarowsky e Franco Ferrara. De volta ao Brasil, foi assistente de Raphael Baptista na Orquestra

Sinfônica Universitária e tornou-se pioneiro na criação de corais empresariais — Petrobras, Correios, Telerj, UERJ, entre dezenas outros. Em 1972, fundou a Orquestra Pró-Música, embrião do que viria a ser a Orquestra Petrobras Sinfônica. Em 1980, regeu a missa campal do Papa João Paulo II no Aterro do Flamengo, com a OSB e um coral de duas mil vozes, conquistando o apelido de “Maestro do Papa” e um telegrama de agradecimento pessoal de Sua Santidade.

O primeiro volume traz o “Quarteto de Cordas, Op. 76, nº 3, ‘Imperador’ (Kaiser)”, de Franz Joseph Haydn, interpretado por músicos da própria orquestra: Ivan

Scheinvar e Daniel Albuquerque nos violinos, Tiago Vieira na viola e Mateus Ceccato no violoncelo. Haydn compôs cerca de setenta quartetos de cordas ao longo da vida. Os seis que formam o Op. 76 estão entre os últimos e mais celebrados — escritos entre 1796 e 1797, no auge de sua maturidade criativa, logo após as triunfais temporadas em Londres. O apelido “Imperador” vem do segundo movimento, um conjunto de variações sobre uma melodia que o próprio Haydn compusera para o imperador Francisco II: “Gott erhalte Franz den Kaiser” (“Deus salve o imperador Francisco”). Anos mais tarde, o mesmo tema seria adotado como hino nacional alemão, numa ironia histórica que atravessa séculos. Considerado uma das obras-primas do repertório de câmara, o nº 3 rendeu a Haydn o título de “Pai do Quarteto de Cordas”. Começar uma série de câmara com essa obra é afirmar, desde o primeiro acorde, o compromisso com a tradição e a excelência — exatamente o espírito que Armando Prazeres imprimiu à orquestra que criou.

Juntos, “Lumière” e o primeiro volume da “Coleção Armando Prazeres” revelam uma orquestra que investe em duas frentes complementares, sempre valorizando o músico instrumentista.

AFFONSO NUNES

Grupe que ajudou a revitalizar a Lapa e foi eleito melhor do gênero no Prêmio da Música Brasileira, o Sururu na Roda lança álbum comemorativo de 25 anos. Com direção musical do craque Rildo Hora e participação de Mart'nália, o disco chega. Disco chega às plataformas em 24 de julho.

Há 25 anos, uma roda de samba nascida nos jardins da Uni-Rio, na zona sul carioca, começava a fazer barulho. O que começou como encontro de estudantes — Nilze Carvalho (voz, cavaquinho e bandomolim) uniu-se a Fabiano Salek e Sílvio Carvalho — logo se transformou em um dos grupos que ajudariam a revitalizar a Lapa, então um bairro em plena ressurgência boêmia. Era 2001, e o Sururu na Roda começava a consolidar uma identidade que soube conciliar uma pesquisa musical refinada com a alma descontraída de uma típica roda de botequim.

Em 2014, essa trajetória ganhou um selo de qualidade que seu público fiel já reconhecia: o grupo foi eleito Melhor Grupo de Samba no 25º Prêmio da Música Brasileira, ao lado de trabalhos com ícones como Monarco, Baden Powell, Nei Lopes e Gilberto Gil. Agora, em 2026, o Sururu chega ao jubileu de prata com “Na Linha do Tempo”, sétimo disco da carreira — e talvez o mais simbólico.

O que pode sugerir uma coletânea é, na verdade, uma biografia musical. Em vez de apenas olhar para trás, “Na Linha do Tempo” apresenta a trajetória do Sururu, como uma caminhada de muito gingado: dos primeiros anos na Lapa ao reconhecimento nacional, das turnês internacionais — que levaram o samba do Sururu a palcos fora do Brasil — à maturidade artística da formação atual, com Ana Costa (voz e violão), Fabiano Salek (voz e percussão) e Sílvio Carvalho (voz e percussão).

O trio manteve a essência, mas a formação se expandiu em estúdio. A ficha técnica do disco reúne músicos de primeira linha: Alexandre Caldi (flauta e saxofone), Flavio Santos (bateria), Guinter Vieira (cavaquinho), Maurício Massunaga (violão e violão de 7 cordas), Ney Conceição (baixo) e Luiz Augusto Guimarães (percussão), entre outros. O time é completado por Rildo Hora — que assina a direção musical — um dos mais premiados arranjadores e produtores do Brasil, com passagens por cinco prêmios Grammy Latino e trabalhos ao lado de Zeca Pagodinho e Beth Carvalho. Rildo aparece em nove das doze faixas, tocando realejo e costurando sonoridades.

O disco abre com “Mutirão de Amor”, parceria de ninguem menos que Zeca Pagodinho, Jor-

ge Aragão e Sombrinha. E segue costurando clássicos e memórias: “Conversa de Botequim” (Noel Rosa e Vadico), que já havia sido lançada como single em junho e antecipou o espírito do projeto; “Mascarada” (Elton Medeiros e Zé Keti), com participação especial de Mart'nália; “Ex-Amor” (Martinho da Vila); “Testamento de Partideiro” (Candeia); e “É” (Gonzagui-

nha). Um dos momentos mais interessantes é o pot-pourri “Sambas de Roda”, que costura “O Cavalo de São Jorge” (Paulinho Pinheiro e Roque Ferreira), “Milagre” (Dorival Caymmi) e “Todo Menino É Um Rei” (Zé Luiz do Império Serrano e Nelson Rufino) — canções que, reunidas, mapeiam a geografia do samba brasileiro, do Recôncavo Baiano ao Rio de Janeiro.

A escolha do repertório diz muito sobre o grupo porque escapa da fórmula manjada dos maiores sucessos para revelar canções que contam a história do Sururu a partir do que eles escolheram tocar, gravar e levar para as rodas nesses 25 anos. Não são canções autorais, mas fazem parte do DNA artístico do grupo.

O álbum foi registrado no Estúdio Cia dos Técnicos, no Rioo,



O Sururu da Roda conta sua história com novos arranjos para os sambas que gosta de tocar ao vivo em ‘Na Linha do Tempo’

Rogério Von Kruger/Divulgação



CORREIO CULTURAL



Divulgação

'Olga' marcou a estreia de Camila Morgado em longas

Festival de Vitória celebra Camila Morgado

Camila Morgado foi homenageada nesta segunda-feira (20) na 33ª edição do Festival de Cinema de Vitória, que acontece até o dia 25 de julho na capital capixaba. A atriz recebeu da colega Vera Holtz o Troféu Vitória e o Caderno da Homenageada, publicação biográfica.

Com três décadas de uma trajetória no teatro, tevê e cinema, Camila definiu sua relação com o ofício: "Quan-

do percebi que podia usar a manipulação, o artifício, o trabalho virou um grande playground. Eu vi que podia brincar, me colocar em vários lugares e adaptar essa manipulação para qualquer linguagem, seja no experimental, na tragédia, na comédia, no teatro ou em uma série. É aí que a magia acontece".

Sua estreia em longas ocorreu em "Olga" (2004), de Jayme Monjardim.

Morre João Sanches

O dramaturgo, diretor teatral e professor João Sanches morreu neste domingo (19), aos 47 anos. A Fundação Gregório de Mattos (FGM) lamentou a morte do professor, mas não revelou a causa de seu falecimento. Assinou importantes montagens durante sua carreira, como "Eu te Amo Mesmo Assim", "Pelo Telephone" "Boca a Boca: Um Solo para Gregório". "João Sanches construiu uma trajetória marcada pela excelência artística, pela inovação e pela dedicação à formação de novas gerações de artistas e pesquisadores", diz a nota.

Patrimônio

Igrejas centenárias, fortalezas, casarões e palácios ocupam lugar central quando se discute patrimônio cultural no Brasil. E por que as memórias produzidas em territórios como nas favelas seguem aparecendo de forma limitada nos processos de reconhecimento patrimonial?

Patrimônio II

É a partir dessa reflexão que o Observatório de Favelas lança o e-book gratuito "Corpo Morada – Inventários e Educação Patrimonial nas Favelas da Leopoldina", um mapeamento inédito das referências culturais presentes em comunidades da Zona Norte carioca.

Grande filmes nacionais a R\$ 10

Está chegando a maior festa do nosso cinema: o Prêmio Grande Otelo. E a UCI promove a nova edição do UCI Day Cinema Brasileiro. Nos dias 27 e 28, a rede exibe os finalistas da premiação com ingressos a R\$ 10: "O Agente Secreto" (foto), "Manas", "O Último Azul", "Os Enforcados", "(Des)controle", "Sexa", "Uma Mulher Sem Filtro" e "C.I.C. - Central de Inteligência Cearense".



Cinemascópio/Neon

O volta do anjo pornográfico

Bruce Gomlevsky encarna Nelson Rodrigues em nova temporada do monólogo 'O Passado tem Sempre Razão' em palcos cariocas

Após uma temporada de sucesso no CCBB, com sessões lotadas, Bruce Gomlevsky retorna aos palcos como o maior dramaturgo brasileiro em "Nelson Rodrigues – O Passado Sempre Tem Razão". O solo, com dramaturgia e direção de Carlos Jardim, estreia neste sábado (25) no Teatro das Artes, no Shopping da Gávea.

O monólogo foge ao script de uma biografia convencional. Carlos Jardim não conta a vida de Nelson de forma cronológica — o que está em cena é o pensamento, a palavra, a alma de um homem atormentado, contraditório e genial. "Busco mostrar o Nelson que não foge da polêmica, que faz reflexões profundas, mas que também é humano e, às vezes, até vulnerável. A intenção é mostrar seu pensamento intenso, conturbado, que até hoje se mostra vivo e relevante", explica Jardim, que passou mais de quatro meses mergulhado na obra do escritor pernambucano.

O texto é quase 100% fiel às falas e escritos originais de Nelson, garimpados em crônicas, livros, entrevistas em vídeo, com pequenas intervenções de Jardim e contribuições do próprio Bruce. "Não me arvorar em certezas. Bruce é um apaixonado pelo Nelson e sonhava em interpretá-lo. Conforme fomos lendo e trabalhando, ele trouxe trechos incríveis que se encaixavam com perfeição à ideia original", diz o diretor.

A relação do ator com a obra rodrigueana vem de longa data. Dirigiu montagens de "Bonitinha, mas Ordinária" e "Anti-Nelson Rodrigues",



Dalton Valério/Divulgação

No monólogo, Bruce Gomlevski encarna Nelson sob todos os ângulos

e interpretar o dramaturgo era um desejo antigo. "Sou apaixonado pela obra dele. Um dos maiores dramaturgos do século XX, no mundo. Um profundo conhecedor da psique humana", afirma Bruce, que já viveu outros ícones brasileiros nos palcos — Renato Russo por duas décadas ininterruptas, Raul Seixas em musical e o jornalista Henfil no cinema.

Em cena, Nelson é evocado por suas próprias máximas — "No Rio de Janeiro há de tudo — e até cariocas", "O trágico na amizade é o dilacerado abismo da convivência", "Em amor, deve-se mentir, sempre". Frasista genial, aclamado, odiado, censurado, respeitado até por seus detratores. Sua obra desperta os mais variados sentimentos, jamais a indiferença. Em ano de eleições e Copa do Mundo, a paixão de Nelson por futebol e política e suas opiniões polêmicas entram em cena ao lado de temas como amor, adultério, morte, o Rio de Janeiro e o cotidiano pulsante do subúrbio ca-

rioca. "O que mais me atrai é poder provocar discussões ainda muito pertinentes através do pensamento dele, especialmente no mundo de hoje, em que o diálogo e as dúvidas deram lugar a certezas absolutas", resume Carlos Jardim.

A preocupação de Bruce não é a imitação, mas a alma. "Inevitavelmente, será sempre o nosso Nelson, visto através das nossas lentes." Quase cinquenta anos após sua morte, o autor de Vestido de Noiva, O Beijo no Asfalto e Álbum de Família permanece como um dos nomes mais revisitados da cultura brasileira. "O fascinante é que você não precisa concordar com ele para admitir sua genialidade", conclui Jardim.

SERVIÇO

NELSON RODRIGUES - O PASSADO TEM SEMPRE RAZÃO

Teatro das Artes (Shopping da Gávea - Rua Marquês de São Vicente, 52 - 2º piso)
De 25/7 a 30/8, sábados e domingos (20h)
Ingressos: R\$ 120 (inteira) e R\$ 60 (meia)

Bruno Cavalcante/Divulgação

Um condomínio de luxo chamado Nova Canaã. Lá dentro, uma mãe solo, dois filhos, uma inteligência artificial doméstica e a promessa de uma vida blindada. Lá fora, um vírus, revoltas sociais e um país em decomposição. Esta é a proposta dramatúrgica de “Gente de Classe”, quinto espetáculo original do Grupo Carmin (RN), que estreia nesta quinta (23) no Teatro Firjan Sesi Centro. Só que o ano é 2040. Ou não.

A montagem dirigida por Quitéria Kelly — fundadora do grupo ao lado de Titina Medeiros — opera como um jogo de espelhos: finge que olha para o futuro enquanto dissecava, já em 2018 (quando a dramaturgia começou a ser gestada), o tempo presente. A pandemia, o avanço do conservadorismo, a instrumentalização política da fé e a classe média como motor e refém desse processo — tudo estava lá, antes mesmo de a realidade alcançar a ficção.

“A gente não está fazendo uma ficção científica clássica, que tenta antecipar o futuro, mas uma crítica do presente a partir da projeção desse futuro possível”, explica Quitéria.

A matéria-prima intelectual da peça são as obras do sociólogo potiguar Jessé Souza, especialmente “A Classe Média no Espelho” e “A Elite do Atraso”. Souza, que é natural de Natal como o grupo, dedicou sua carreira a desmontar o mito de que a classe média brasileira seria uma espécie de “categoria universal” — e a mostrar como ela se constituiu, historicamente, como “sargento da oligarquia”, para usar sua expressão. No palco, essa camada social aparece encarnada em personagens majoritariamente femininas. A mãe solo cria os filhos dentro do condomínio blindado enquanto sustenta o discurso progressista e a prática conservadora, equilibrando autonomia e sobrecarga. Ao seu redor, outras mulheres ampliam o conflito: Maria, a inteligência artificial doméstica, e uma ativista do movimento revolucionário disputam o espaço privado e o público.

“O protagonismo feminino é uma larga tradição na modernidade. Por que não imaginar que a próxima revolução deste século XXI comece e seja liderada por mulheres?”, provoca a diretora, que nos últimos anos também consolidou uma carreira na TV Globo, com passagens por novelas como “Renascer” e “Mar do Sertão”.

O nome deste condomínio tão brasileiro remete à terra prometida bíblica. “No Brasil de hoje, é muito forte a instrumentalização política do discurso evangélico e é justamente a partir da religião que a ideologia dominante opera no imaginário”, afirma Quitéria. Fé, consumo e medo se entrelaçam na manutenção de privilégios. O



“Gente de Classe”, do Grupo Carmin, é uma distopia construída com elementos do presente

A classe média do divã

Com distopia ácida sobre classe média, moral e fé, o grupo potiguar Carmin estreia no Rio uma das montagens mais politicamente explícitas de sua trajetória

condomínio perfeito, como ela observa, “é frágil — existe sempre uma sensação de vazio e instabilidade”. A encenação abraça a artificialidade. O cenário minimalista e modular constrói uma atmosfera clean, asséptica, “como um feed de

rede social cuidadosamente editado”, descreve a diretora. Os corpos em cena reproduzem gestos automatizados, poses ensaiadas de felicidade, dinâmicas coreografadas de convivência. Tudo parece calculado — até o riso.

Projeções mapeadas ampliam a sensação de gamificação das relações: números, likes, rankings, barras de progresso, desafios e recompensas.

O humor sempre foi uma ferramenta cênica do Carmin. Mas

quem espera a comicidade mais despretenhosa de trabalhos anteriores é surpreendido com um conteúdo político mais explícito. Quando a peça foi retomada em 2024, depois de um hiato provocado pela pandemia, o grupo percebeu que, apesar da mudança de governo, as questões seguiam no lugar.

Criado em Natal em 2007, o Grupo Carmin acumula apresentações em 23 estados brasileiros e também em palcos no exterior (Portugal e França).

“Jacy” (2013) foi eleito um dos 10 melhores espetáculos de 2015. “A Invenção do Nordeste” (2017) levou os prêmios Shell (Melhor Dramaturgia), Cesgranrio (Melhor Espetáculo), APTR e Prêmio do Humor em 2019.

SERVIÇO

GENTE DE CLASSE
Teatro Firjan Sesi Centro (Av. Graça Aranha, 1 – Centro)
De 23/7 a 23/8, quinta e sexta (19h), sábado e domingo (17h)
Ingressos: R\$ 40 e R\$ 20 (meia)

ENTREVISTA | ALEXANDRE MEDEIROS

JORNALISTA E ESCRITOR

‘Há uma cidade nas minhas lembranças, e há uma cidade diante de mim’

Quem é a musa da crônica – a cidade ou a nostalgia?

Alexandre Medeiros — É a cidade com todas as vivências que ela proporciona. Algumas, por certo, nostálgicas. Para quem já viveu mais de 60 anos, como eu, e sempre morando na mesma cidade, as alegrias e as tristezas se renovam, e deixam suas marcas nas ruas. No caso de quem tem mais idade, as perdas se acumulam e deixam vestígios na alma. Eu frequentava algumas casas que se foram, como o restaurante Cedro do Líbano, na Rua Senhor dos Passos, a Casa Cruz, ali no Largo de São Francisco. Adorava vagar sem pressa pelas vitrines de instrumentos da Guitarra de Prata, na Rua da Carioca. Há uma cidade nas minhas lembranças, e há uma cidade diante de mim. As duas se encontram nas crônicas.

Sua experiência como repórter o fez descobrir a cidade por inteiro ou veio de sua própria criação?

No início da minha carreira de repórter, cobria basicamente Cidade e Polícia. E, claro, essas andanças pela cidade com as mais diversas pautas me apresentaram várias partes do Rio de Janeiro que eu não conhecia até então. Do extinto matadouro de Santa Cruz à belíssima estação ferroviária de Marechal Hermes, do cemitério de Ricardo de Albuquerque às calçadas caídas da Vila Militar. Da “fronteira” de Vigário Geral com a Favela do Lixão às coberturas da Vieira Souto e da Atlântica. Mais do que lugares, essas andanças me permitiram conhecer muitas pessoas. Algumas viraram personagens de crônicas.

Você precisou fazer pesquisa para algumas histórias, como o relato sobre o primeiro jogo do Brasil na Copa de 1970, que traz detalhes da partida?

Na Copa de 1970, eu tinha de nove para dez anos. Lembro muito desse episódio da TV a cores, ficou gravado na memória mesmo, e demorei mais de 50 anos para escrever. Recorri a pesquisas para buscar clarear detalhes do jogo de estreia do Brasil naquela Copa, que começou tenso e acabou numa alegria imensa. Espero que a crônica consiga passar essa alegria. Um amigo querido, da minha geração, disse que ficou emocionado com a leitura, que revisitou em sua memória aquele mesmo jogo. Isso para mim é muito gratificante.



Divulgação

OLGA DE MELLO Especial para o Correio da Manhã

Se em “Ai de ti, Copacabana” Rubem Braga alinhava profecias de castigos bíblicos à superficialidade e ao hedonismo de um estilo de vida carioca que se consagrava no início da década de 1960, “Ai de nós, Copacabana” (Mórula, R\$ 70), de Alexandre Medeiros celebra em crônicas escritas ao longo de vinte anos a cidade que hoje não tem em seu mais famoso bairro a elegia da ostentação da futilidade. A escolha do título é proposital. Além de referir-se ao mais celebrado cronista do país e a seu mais antológico texto, ele reflete “uma cidade em mutação, inundada por um mar de memórias e contradições”, explica Alexandre Medeiros, jornalista, 65 anos, ex-morador de Copacabana, “um retrato dessa cidade que se transforma dia a dia”. Este oitavo livro intensamente carioca de um autor focado profissionalmente na realidade, não faz concessão a ficções: “Meu primeiro livro foi de poesias, tenho alguns contos escritos, outros em produção, mas minhas crônicas são relatos de vivências, cenas que presenciei e passei ao papel”, conta Alexandre em conversa com o Correio da Manhã, quando fala sobre o gênero que celebra, para ele, o mais elevado dos temas: o cotidiano, que promove o encontro, “num bom botequim”, da política, da economia, do comportamento.

Você demonstra intenso conhecimento da vida da cidade, incluindo as diferenças locais de bairros distantes, nas zonas Sul e Norte. Em quais você morou?

Nasci na antiga Casa de Saúde Santa Maria, na Rua das Laranjeiras, pouco antes do Mercado São José. E fui criado naquele corredor Laranjeiras-Flamengo-Catete-Glória. O Aterro era o meu quintal. Mas a cidade me deu muito mais. O meu Rio de Janeiro é um continente que começa na Baixada Fluminense, passa pelos trilhos da Central, circula pelos subúrbios e pela Zona Norte, chega ao Centro e à Zona Sul. Sempre morei na Zona Sul, Laranjeiras, Catete, Botafogo, Humaitá, Copacabana. Mas estudei na Tijuca, soltei pipa e dei aulas na Mangueira, me apaixonei por Oswaldo Cruz e Madureira, namorei em Nilópolis, passei tantos Natais em São João de Meriti, onde vive parte de minha família. E que veio do Ceará, de Pernambuco e de Alagoas, que eu aqui reencontrei nas tranças de São Cristóvão e da Rocinha. A cidade-continente que é musa dos meus escritos.

“Mais do que lugares, essas andanças me permitiram conhecer muitas pessoas. Algumas viraram personagens de crônicas”